

O ARCADISMO EM PORTUGAL

META

Apresentar os fenômenos culturais do início do século XVIII, na Europa e, em especial, em Portugal, que se refletem na estética literária que se anuncia: o Arcadismo ou Neoclassicismo, objeto de estudo desta aula.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

entender o panorama social, histórico e literário da Europa e de Portugal no século XVIII;

alargar seus horizontes culturais através do conhecimento de produções literárias dos árcades;

compreender as características e traços peculiares dos autores da época em estudo;

desenvolver as capacidades de leitura e análise do texto literário.

PRÉ-REQUISITOS

Aulas nº1 e 2, sobre o Barroco português.

Informações sobre: o Iluminismo: obras e idéias dos filósofos Voltaire, Montesquieu, Rousseau, Diderot e D'Alembert;

A Enciclopédia;

O despotismo esclarecido.



Palácio dos Condes de Pombeiro, (hoje Embaixada da Itália), onde se reunia Nova Arcádia (Fontes: <http://www.passeiweb.com>)

INTRODUÇÃO

Caro aluno! Nesta aula, estudaremos a emergência de uma nova estética literária em Portugal: o Arcadismo ou Setecentismo.

Creio que vocês já perceberam a necessidade que nós, seres humanos, temos de mudar, de buscar sempre coisas novas, diferentes. Insatisfeitos com a impregnação em um mesmo estilo, com a repetição de modelos e formas, os homens tendem a romper com o presente e projetar-se para o futuro, propondo algo novo.

Paradigma

Do grego (pará-deigma) é a representação de um modelo, um padrão a ser seguido.

Contudo, nas novidades propostas, percebe-se a presença de elementos de um passado remoto que, mais uma vez, vêm à tona. É a retomada do velho, de algo que já existiu antes e prevaleceu durante certo período histórico, tornando-se até mesmo um **paradigma**, mas, como todas as coisas criadas pelo homem, depois arrefeceu, perdeu a importância e deu lugar a um novo **paradigma**. Ao serem retomados, os modelos antigos se adaptam ao momento vigente e adquirem outra roupagem.

Foi o que ocorreu com a estética que sucedeu o Barroco: o Arcadismo. Descontente com o excessivo rebuscamento de uma arte voltada para as classes predominantes na época, a aristocracia e o clero, a burguesia emergente rompe e propõe formas de expressão mais simples, mais ao seu gosto. Aqui, buscaremos o entendimento dessa escola que se anuncia, a começar pela denominação que lhe foi dada.

Por que os nomes Arcadismo, Neoclassicismo ou Setecentismo? Você saberia a resposta? Se não sabe, vamos juntos procurá-la. Antes, porém, procure pesquisar em livros de literatura ou “sites” na internet que trazem curiosidades sobre o assunto.



Quadro representando um pastor de ovelhas – ilustração típica do Arcadismo (Fonte: <http://www.brasilecola.com>)



Representação de Arcádia, Friedrich Kaubach.

MOMENTO HISTÓRICO

Acredito que vocês já devem ter percebido a mudança radical ocorrida nas produções literárias na passagem do Barroco para o Arcadismo e devem se perguntar como podem se suceder estilos poéticos tão diferentes, tão acentuadamente opostos. As razões são diversas e, aqui, procuraremos elucidá-las.

Em primeiro lugar, há razões literárias: conforme dito, o Arcadismo surge em decorrência da saturação do Barroco, ou melhor, do fato de ter-se extenuado, de não mais corresponder às necessidades de expressão da época, uma vez que expressa o gosto do burguês, não mais o do aristocrata. O aparecimento dos filósofos iluministas, a ascensão e o fortalecimento político da burguesia (classe dos comerciantes) formam um novo quadro sócio-político que necessita de outras formas de expressão, mais ao gosto da classe que ocupa o poder.

Em segundo lugar, há razões históricas: o século XVIII, conhecido também por “século das luzes”, é um momento em que se acredita que tudo pode ser explicado pela razão e pela ciência. Em toda a Europa se delineia um movimento cultural que reflete as profundas mudanças por que passa a sociedade e define a fisionomia do século: o Iluminismo. Na palavra “iluminismo” está implícita a ideia de luz, pois ela provém de iluminar, esclarecer. Segundo os filósofos iluministas, esta forma de pensamento tinha o propósito de iluminar as trevas em que se encontrava a sociedade da época.

O movimento iluminista tinha como escopo atualizar conceitos, leis e técnicas, visando a alcançar maior eficácia e justiça na ordem social. Era, portanto, uma filosofia que condenava o Antigo Regime (Absolutismo e Mercantilismo) e pregava a liberdade econômica, a liberdade política e a

igualdade jurídica. Defendia, também, o domínio da razão sobre a visão teocêntrica que dominava a Europa desde a Idade Média, por isso seus ideais conquistaram principalmente a burguesia e influenciaram importantes acontecimentos como a Revolução Francesa, a Independência dos Estados Unidos e no Brasil, a Inconfidência Mineira etc.

Na verdade, travou-se uma luta entre o “velho” e o “novo” sempre em permanente tensão. A velha mentalidade medieval contra a nova mentalidade classicista. O conservadorismo contra inquietação revolucionária da burguesia. E quem ganhou tal luta? Sem dúvida, a burguesia, classe de comerciantes que, no século XVIII, cresceu economicamente e atingiu uma posição de prestígio, exigindo participação nas decisões políticas. A aristocracia, formada pela nobreza e pelo alto clero, entra e franca decadência e passa a ser desacreditada pela população.



ATIVIDADES

Procure conhecer um pouco mais sobre o Iluminismo. Para tanto, consulte livros de História Geral e *sites* da internet que falem sobre os filósofos Voltaire, Montesquieu, Rousseau, Diderot, suas ideias e suas obras. Verifique se há aproximações entre elas e o Arcadismo. Em que eles influenciaram a nova estética literária?

O que você sabe sobre a Enciclopédia? Quando surgiu e quem a idealizou? Se não sabe procure investigar sobre isto e sobre o seu conteúdo e sua importância para a humanidade.

Para melhor compreendermos esse quadro de transição, é necessária a referência ao momento histórico europeu em que imerge a estética literária do Arcadismo, quando se respira uma atmosfera de plena efervescência cultural. Vejamos o que nos diz Massaud Moisés em seu livro “A Literatura Portuguesa”:

Grandes transformações em toda a Europa, sobretudo em França, agitaram a segunda metade do século XVIII. No campo ideológico propriamente dito, assinala-se como acontecimento de fundamental relevância a instalação do pensamento enciclopédico de D’Alembert, Diderot e Voltaire, ocorrida em 1751, quando o primeiro publicou o *Discours Préliminaire de l’Encyclopédie*, logo tornado início dum processo que culminou com a Revolução Francesa (1789). Esta, como é sabido, veio a ser o símbolo acabado duma nova era na história da Humanidade. O Iluminismo francês, baseado no culto das ciências, da razão e do progresso, impregnou larga audiência de intelectuais pelos quatro cantos do mundo (MOISÉS, 1999, p.95).

Vejam vocês, estimados alunos, o quanto o momento histórico interfere sobre os homens. Todos nós queiramos ou não, somos inseridos em um

tempo e um espaço determinado e não podemos fugir dessa contingência que nos caracteriza como seres sócio-históricos. Sem dúvida, as mudanças ocorridas no século XVIII refletiram a aspiração dos homens da época, que insatisfeitos com as condições de existência, os valores preponderantes no meio social e a organização da sociedade tal como se apresentava, nela interferiram e lutaram por novas condições e um novo paradigma de vida. As obras artísticas também refletem as aspirações humanas, mesmo que nem sempre de forma direta. Observe, por exemplo, o quadro que segue e veja como ele reflete os anseios do momento histórico em que se vivia.

Portugal, embora sustentado por uma tradição conservadora, baseada em dogmas e princípios estáveis, por estar inserido na Europa, não conseguiu esquivar-se do fluxo dessas mudanças, graças ao apoio dado por D. João V (que reinou entre 1707 e 1750) a Luís Antônio Verney (1713 - 1792), de ascendência francesa, teólogo que, embora graduado em Évora, segue cursos semelhantes na Itália e publica uma obra pedagógica em 1746, intitulada *Verdadeiro Método de Estudar*, através da qual propõe a reforma geral do ensino superior em Portugal tendo por base as ideias iluministas. Com Verney, entra em crise o ensino religioso e medieval então predominante nas escolas portuguesas, passando a prevalecer a *laicização* do ensino, isto é, os religiosos foram substituídos por professores “leigos” na direção do processo educacional, sendo contratados excelentes professores estrangeiros, imbuídos dos ideais iluministas.

Após 1750, o país passa a ser governado pelo rei D. José I, cujo mandato estende-se até 1777; tem como ministro o Marquês de Pombal, representante do despotismo esclarecido em Portugal, responsável pela expulsão dos jesuítas e pelo fim da influência jesuítica na educação. Pombal, em seu governo, demonstrou capacidade e tino administrativo, reconstruindo a cidade de Lisboa, destruída por terremoto, transformando-a em uma cidade adiantada e arrojada para os padrões da época.

A queda de Pombal favoreceu um grupo de homens pouco conhecidos na vida política, entre eles o Duque de Lafões, que funda, em 1780, a Academia Real das Ciências, segunda academia portuguesa (já existia a de História, fundada em 1720), ambicionando se equiparar às já existentes na Europa.

É neste clima de efervescência cultural que imerge o Arcadismo português. Em 1756, Antônio Dinis da Cruz e Silva, Manuel Nicolau Esteves Negrão e Teotônio Gomes de Carvalho fundam a Arcádia Lusitana (similar à *Arcádia Romana* já existente desde 1690), “em que iriam culminar, segundo Saraiva e Lopes (1976), as tendências neoclássicas e preparar-se a evolução literária no sentido do realismo burguês setecentista”. Conforme estes autores,

É significativa a circunstância de tal iniciativa partir, não da corte nem da nobreza de sangue, mas de filhos da burguesia em fase de se candidatarem ao alto funcionalismo judicial. Nos dois séculos seguintes pode dizer-se que as sucessivas gerações literárias se

constelaram sempre em torno de personalidades que se destacavam, à saída da Universidade, por uma receptividade mais viva aos novos problemas e correntes ideológicas (SARAIVA & LOPES, 1976, p. 564).

Os conflitos internos, contudo, foram inúmeros, dispersando assim suas principais personagens, sob a ação de duas forças antagônicas: uma que levava ao aniquilamento das origens e relações burguesas (à imitação da Antiguidade greco-romana); outra que procurava abonar os gostos e ideias cotidianas (às aspirações burguesas, imitação da realidade próxima).

Embora tenha passado por uma série de percalços e divergências internas, desfalque de sócios, entre outras adversidades, a Arcádia Lusitana vigora até 1774, a ela pertenceram: Pedro Antônio Correia Garção, Domingos dos Reis Quita, Francisco José Freire e Manuel de Figueiredo, entre outros.

Posteriormente, em 1790, é criada A Nova Arcádia, academia de oratória e poesia, pelo mulato brasileiro Domingos Caldas Barbosa e alguns correli-gionários. A ela, associaram-se também Bocage, José Agostinho de Macedo, Tomás Antônio dos Santos e Silva e outros. Em 1793, a academia publica poesias de seus membros sob o título de Almanaque das Musas, mas tem vida efêmera em decorrência de dissensões entre Macedo e Bocage. Além dessas, outras foram organizadas, mas não vingaram nem tiveram relevância.

POR QUE A DENOMINAÇÃO “ARCADISMO OU SETECENTISMO”?

Arcádia

Em sua origem, região mitológica habitada por pastores. No séc. XVIII passou a designar as academias literárias. E por qual motivo?

O termo Arcadismo é proveniente de **Arcádia**, palavra de origem grega que nomeava uma província lendária da antiga Grécia, habitada por pastores que levavam uma vida simples e natural, celebravam o amor e o prazer, cultivavam o canto e a poesia. Com o tempo, passou a designar de um região imaginária, concebida por poetas e artistas, símbolo de *felicidade*, simplicidade e *paiz*; um ambiente idílico habitado por pastores que vivem em comunhão com a *natureza*.

O **Arcadismo** na Europa surge no século XVIII, portanto nos anos de 1700, daí chamar-se também de Setecentismo. Outro termo usado para nomeá-lo é Neoclassicismo, por retomar os princípios artísticos da tradição clássica: o racionalismo, a imitação de autores clássicos, a resença da mitologia grega, a ânsia da perfeição formal.

Arcádia passou a ser, no Arcadismo, uma academia literária que reunia escritores e poetas com a finalidade de disseminar os ideais neoclássicos e combater o Barroco. Os poetas que se filiavam às Arcádias adotavam pseudônimos de antigos pastores gregos. Os poetas árcades, adotaram não apenas o termo arcádia, como também o ideal de vida pastoril, voltado para o cultivo das coisas singelas e prazerosas em contraponto à vida urbana que não lhes trazia a tão almejada felicidade.

ATIVIDADES

Procure pesquisar na internet ou em livros de Literatura Portuguesa sobre as principais arcádias existentes em Portugal, quais seus principais representantes e seus pseudônimos.

Hoje em dia, temos ainda agremiações semelhantes às arcádias? Cite algumas conhecidas e explique seus objetivos.



PECULIARIDADES DA ESTÉTICA ÁRCADE

A leitura do texto que segue nos mostrará como o homem do século XVIII, cansado da exuberância, do rebuscamento e do artificialismo da arte barroca, procura voltar-se para formas de expressão menos sofisticadas, mais simples, que exprimem um ideal de vida bucólico, em comunhão com a natureza.

SONETO

Autor: Antônio Dinis da Cruz e Silva

Aqui sentado neste mole assento
Que formam as ervinhas deste prado,
Enquanto a verde relva pasce o gado,
Quero ver se divirto meu tormento.

Que fresca a tarde está! Que brando o vento
Move as águas do rio sossegado!
E como neste choupo levantado
Se queixa a triste rola em doce acento!

As flores com suavíssima fragrância,
As aves com docíssima harmonia
Fazem mais alegre esta fresca estância:

Mas nada os meus pesares alivia;
Que da minha saudade a cruel ânsia
Me não deixa um instante de alegria.

Uma breve leitura do soneto de Antônio Dinis da Cruz e Silva, que adotou o pseudônimo de Elpino Nonacriense, já nos dá uma ideia de como a poesia árcade difere da barroca. Primeiro por sua simplicidade de linguagem. Não se observam nesses versos o exagero formal, os recursos expressivos tão cultivados pelos escritores barrocos que primavam por uma

linguagem extremamente rebuscada, culta, por vezes até mesmo pesada, extravagante, carregada de figuras de linguagem. Ao contrário, o poema é bem leve, apresenta um ritmo melodioso, de fácil leitura e compreensão, pois o seu vocabulário é modesto e sem o uso da linguagem figurada.

Segundo, pelo tom geral do discurso que corresponde a essa simplicidade do tema desenvolvido. A exposição ordenada, clara e direta das ideias, com raras e moderadas inversões sintáticas (a exemplo dos dois últimos versos da primeira estrofe e da quarta), confere ao poema uma transparência ímpar, que perpassa o discurso despojado e sem mistério, mas fruto de uma contensão elaborada, não de uma tranquilidade real.

Observa-se isto na última estrofe, em que se percebe a falta de sintonia entre a tranquilidade da natureza e o estado de espírito do poeta (“nada os meus pesares alivia [...] a cruel ânsia me não deixa um instante de alegria”). Nas palavras do “eu lírico”, percebe-se a expressão de uma dor contida, que, por não se externar, é revelada no efeito de simplicidade. A busca por lugares tranquilos, campestres, traduz um ideal de vida, não uma realidade.

Em Portugal, ao se fundar a primeira academia, a Arcádia Lusitana, em 1756, os primeiros sócios liderados por Antônio Dinis da Cruz e Silva, autor do poema acima estudado, abraçaram um lema - *inutilia trunctat* – que significava “cortar as inutilidades”. Através dele, queriam manifestar seu repúdio aos exageros da poesia barroca, considerando que ela desvirtuava a poesia clássica, cujos fundamentos eram o equilíbrio e a racionalidade. Com base no mito da Arcádia, edificaram suas doutrinas buscando imitar os modelos greco-latinos. A partir desse fundamento, desenvolvem outras características que moldam a poesia árcade:

- Enaltecimento de uma vida simples, baseada em valores naturais e no cultivo das virtudes morais, desdenhando o luxo, as riquezas e ambições (*áurea mediocritas*);
- Desprezo pela vida urbana (*fugere urbem*), vista como foco de desassossego e de perdição;
- Consciência da brevidade da vida e, em decorrência, a necessidade de gozá-la de forma plena (*carpe diem*), na contemplação da natureza e da beleza;
- Busca por ambientes campestres (*bucolismo*), com rios, vales e montanhas,
- Fingimento poético, manifesto tanto através da adoção de pseudônimos, de uma ambiente e um tempo fictícios, como da racionalização do sentimento amoroso, meramente convencional.
- Defesa de modelos formais antigos (separação de gêneros, abolição da rima, emprego de metros simples, do soneto e de outras formas clássicas de composição).

Creio que, através das características da poesia árcade, vocês, caros alunos, devem ter percebido que a contenção dos sentimentos e a revalorização de um estilo de vida antigo, não condizente com a realidade dos autores, deram ensejo ao cultivo de uma poesia artificial, de pose, conforme nos diz Massaud Moisés (1999). Segundo ele, as características da estética arcádica relacionam-se apenas à poesia. Ainda que se cultive a prosa (histórica, filosófica, pedagógica, científica), “é fora dos quadros doutrinários rigorosamente arcádicos”.

ATIVIDADES

1. Compare os períodos Barroco e Árcade em Portugal, mostrando se há entre ambos aproximações ou distanciamentos. A seu ver, qual dos dois períodos estudados é mais interessante? Produza um texto, posicionando-se e justifique seu ponto de vista.
2. Agora que vocês já conhecem melhor as peculiaridades da estética árcade, procurem identificá-las nos poemas que se seguem, dos árcades Domingos dos Reis Quita e Francisco Manuel do Nascimento. Mas lembrem-se de que nem todos apresentam as mesmas características. Para proceder à atividade proposta, leia-os com cuidado, observando-lhes a forma e o conteúdo:



I

Autor: Domingos dos Reis Quita
Ao longo desta praia um dia triste
O teu formoso gosto se afigura,
Não sei que afeto sinto, ou que ternura,
Que a toda esta alma dá contentamento.

Os olhos pelas águas estendia,
Porque alívio a seu mal nelas buscava,
E entre os tristes suspiros que exalava,
Em lágrimas banhado assim dizia:

Os suspiros, as lágrimas que choro,
Levai, ondas, levai ligeiro vento,
Para onde me levaste quem adoro.

Oh, se podeis ter dó do meu tormento,
Que me torneis o bem, só vos imploro,
Que puseste em longo apartamento.

II

Autor: Francisco Manuel do Nascimento
Como quando o Sol dobra aquele outeiro,
Pela encosta do céu, ao mar descendo,
Vão as sombras das árvores crescendo,
Corre enlutado o líquido ribeiro;

Pardo manto no seio sobranceiro
A tormentosa noite anda tecendo,
Que se vão pelos vales estendendo,
Para soltar-se em hórrido chuveiro:

Tal esta alma se assombra e se entristece,
Quando a nuvem de fúnebres cuidados
Na tua ausência, ó Márcia, avulta e cresce.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Para proceder às atividades propostas, releia os poemas com cuidado, observando-lhes forma e conteúdo, destacando as características do período arcade. Observe, também, se há aspectos que fogem à estética abordada, ou seja, marcas de originalidade dos autores. Se tiverem dificuldade, revejam as características do Arcadismo e leiam com bastante atenção os textos, tentando identificá-las.

CONCLUSÃO

O Arcadismo, período que deu às manifestações artísticas uma nova tonalidade burguesa, passa a caracterizar, em especial, a estética literária em Portugal, marcada pela volta aos padrões clássicos da Antiguidade e do Renascimento. O pensamento barroco decai paulatinamente, cedendo campo ao pensamento burguês emergente, marcado pelo subjetivismo e pelo liberalismo. Em consequência, abre-se espaço para novas formas de expressão e novos valores pautados no gosto da classe em ascensão.

RESUMO

Como toda manifestação artística, a literatura arcádica refletiu os valores que se delineavam na sociedade da época, marcada, sobretudo, pelo Iluminismo francês, que cultuava a razão e o conhecimento. Entretanto, em contraponto ao Barroco, primou por um estilo simples, por uma poesia bucólica, pastoril, pelo fingimento poético e pelo uso de pseudônimos. Os árcades, imitando a antiga região da Grécia, fundaram Arcádias literárias, agremiações onde se reuniam para discutir literatura. O Arcadismo foi uma estética mais voltada para a poesia do que para a prosa, pois as manifestações em prosa do período não seguiram os cânones árcades. Ele teve um espírito profundamente reformista, pretendendo atuar sobre os costumes, o comportamento social e, até mesmo, sobre o ensino.

Em Portugal, o Arcadismo tem início em 1756, ano de fundação da Arcádia Lusitana e se estende, até 1825, quando Almeida Garret publicou o poema “Camões” que marcou o surgimento do Romantismo português.

Principais autores, e obras:

- Antônio Dinis da Cruz e Silva (Elpino Nonacriense)- Hissope;
- Domingos Reis Quita (Alcino Micênio) – Obras Poéticas;
- Padre Francisco Manoel do Nascimento (Filinto Elísio) – Da arte poética portuguesa;
- Domingos Caldas Barbosa – A viola de Lereno;
- Correia Garção (Córidon Erimanteu) – Obras Poéticas;
- José Agostinho de Macedo: A pena de Talião;
- Manuel Maria Barbosa Du Bocage – Rimas

AUTOAVALIAÇÃO

Senti alguma dificuldade em entender o que foi exposto? Há necessidade de rever a aula, de melhor aprofundá-la? As atividades foram acessíveis ou não? O que não compreendi, ou não soube desenvolver? Quais dúvidas preciso elucidar? Anotei os pontos que ficaram obscuros e as dúvidas que surgiram?.

PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, continuaremos estudando o Arcadismo, mas já no seu final, quando se dá a transição para o Romantismo. As manifestações deste período são chamadas de pré-românticas.



REFERÊNCIAS

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. **Teoria da Literatura**. Coimbra: Livraria Almedina, 1982.

MOISÈS, Massaud. **A literatura portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 1999

_____. **A literatura portuguesa através de textos**. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. **Presença da literatura portuguesa II**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

SARAIVA, Antônio José; LOPES, Óscar. **História da literatura portuguesa**. Porto: Ed. Porto, 1976.

CÂNDIDO, Antônio. **Na sala de aula: caderno de análise literária**. São Paulo: Ática, 1998.